



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

27 de Agosto de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1760

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

HÁ tanto tempo fora de Casa, perco-me nos caminhos. Acima e abaixo, nas Casas do Gaiato e em casa de irmãos, já nem sei para onde vá. Não que alguém se incomode comigo. De maneira nenhuma. Eu é que ando incomodado por não ver o tempo em que estarei apto a voltar ao meu lugar. Tanta coisa já foi adiada, tantas outras aconteceram e só de longe pude acompanhar.

Estou ansioso por rever os rapazes. Vou encontrá-los muito mais crescidos. Daqueles que sabia o nome, muitos me esqueceram. Mas as caras, não. Essas parece que estão sempre diante de mim. Já tenho recebido fotografias deles e até já pedi mais, para os não perder de vista.

Sei que estão bem acompanhados por uma Mãe que, sem o ser, o é tão verdadeiramente, que todos os rapazes, mesmo os mais crescidos lhe chamam mamã. Até o pessoal que trabalha com ela, gente das Aldeias. Como também têm

naquela Casa um lugar especial no coração dos mesmos a D. Carmen e a Maria José a quem chamam Tias. Assim está criado um ambiente familiar propício e salutar para a educação deles. Não há um sequer que alguma vez possa dizer que não foi acarinhado por elas. Como também elas não só estão conscientes da carência que trazem, como tomam a seu cargo o estar sempre vigilantes para qualquer necessidade que tenham, mesmo que seja um reparo ou uma reprimenda mais séria.

A educação é o amor em acção, ou como diz o poeta da Arrábida onde me encontro agora, «o segredo é amar». Nem as crianças deixam de precisar, nem nos podemos sentir recompensados com os frutos. Continuamente é necessário passar junto delas, olhar para elas, sorrir-lhes, dizer-lhes uma palavra de apreço e adivinhar as carências.

Claro que isto não se faz por simples amor às crianças ou

filantropia, como dizem as pessoas que não sabem. Há um amor mais forte e entranhado em nós, que não nasceu de nós mesmos, mas que nos é dado e também é fonte contínua a jorrar para o nosso coração. «Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais, e

Jesus abraçava-as e abençoava-as». Vinha no Evangelho de ontem. E a Palavra de Deus é perene, viva e vivificante.

Todo o mundo está em sobresalto com as economias. Todo o mundo adora o deus milhão. Por isso, cai no desatino. Põe trancas

nos países mais aflitos e destranca o equilíbrio social, tantas vezes proposto e nunca alcançado. Põe em perigo eminente a paz, que só pode encontrar n'Ele. Não olha para o Único que disse uma vez «tende confiança em mim. Eu venci o mundo». Que bomba feita de humildade e amor. Põe na miséria os mais Pobres dos Pobres, quando Ele, sendo o Senhor de tudo, se fez humilde e pobre, por causa de nós. Quem quer seguir o Seu exemplo? Nem a Sua Igreja, que fundou com o sangue derramado, não digo que não pense, mas que seja assim. Multiplica-se o «tive fome e destempe de comer, andava nu e vestiste-me», mas os herdeiros das bem-aventuranças são eles.

Tenho até receio de tanto falar assim, porque tenho vivido num mundo de pobreza extrema e eu, no meio deles, verdadeiramente nunca tive fome, satisfazendo-me em ajudá-los a sair da indignidade em que estão. Mas mais receio tenho agora de a minha vida, já tão gasta nessa entrega, não permitir chegar mais longe. □



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UM desmedido apetite pelos bens materiais, aumentado no íntimo do cidadão comum nas últimas décadas, tem sido causador de imensos problemas na vida de muitas pessoas. Com isso se acentuou, no espírito humano, o desejo de querer ganhar esta vida, em sentido oposto ao Espírito do Evangelho: «quem perder a sua vida por minha causa, encontrá-la-á».

É um espírito em avalanche, esse. Vai crescendo, crescendo, até levar tudo à sua frente numa completa irresponsabilidade. Quando entra numa família, leva-a à desagregação. O sentido do bem familiar fica eclipsado, interpondo-se e impondo-se um olhar irreal sobre a vida.

São muitas as famílias que já sofreram os efeitos deste espírito devastador. Quando assim é, normalmente cai sobre a mulher o peso das responsabilidades que a família havia assumido: filhos, compromissos financeiros e o sustento do necessário à vida.

Na lei não encontram protecção. Pretendendo esta ser igualitária e respeitadora das opções individuais, não tendo em conta os valores subjectivos do casal, faz tábuas rasas dos valores humanos inerentes e reduz tudo ao denominador comum do que vale materialmente.

Foi assim que chegou até nós outra viúva de homem vivo, acompanhada das cireneias vicentinas da sua paróquia, que vieram atestar pessoalmente e com carta do seu Pároco, a situação angustiante daquela mulher, mãe de duas crianças em idade escolar, muito necessitados de ajuda. A

paróquia tem muitos pobres, e pouco tem conseguido fazer por eles.

Embora o seu estado civil actual seja de divorciada, obrigada a aceitá-lo depois de dois anos de separação, o seu estado interior é de pessoa rejeitada, empurrada para uma falsa viuvez, sofrida mas responsável, portanto heróica.

Tem lutado com todas as forças de que dispõe, assumindo todos os encargos e educação dos filhos, contando com o pecúlio do seu ordenado, um pouco inferior ao mínimo de lei, e dos rissóis que confecciona nas horas livres e vende na localidade.

Quando a família se constituiu, assumiu uma prestação mensal num banco, contraída por um empréstimo, para melhorar a pequena casa que o marido recebera por herança. Fizeram as obras, tinham a vida estabilizada, mas o segundo filho do casal já não teve a dita de nascer com a família unida.

Como se isto não bastasse, a balança dos direitos e dos deveres legais, impôs-lhe agora a obrigação de pagar ao pai dos seus filhos, até ao final do corrente ano, uma avultada quantia, para que possa continuar a usufruir da casa e esta venha a tornar-se exclusivamente sua.

Fui lá ver e fiquei comprometido. Não encontrei o piso onde possam pôr os pés. Temos de ser nós a fazer-lhe o caminho; construir-lho com as pedrinhas que formos juntando, que tuas mãos nos farão chegar.

Não há dinheiro que pague o repouso merecido desta mulher, depois de cada dia de trabalho, e o consolo de criar os seus filhos, perdendo a vida para a ganhar, como tem feito. □

SETÚBAL

Padre Acílio

AS minhas canadianas e a dificuldade de me bastar, à noite, para dormir, impediram-me de fazer os costumados *peditórios* no Algarve e nas praias, onde se juntam em férias, os cristãos de melhores recursos económicos.

Não é o dinheiro somente que me move, nem a sua necessidade, mas uma ânsia de pregar, de forma viva e actual, a Palavra de Deus, com o carisma de que Ele me dotou.

Recordo aquele senhor que, chamando-me atrás da porta da sacristia, me pôs nas mãos quinhentos euros a tremer e a chorar: — *Era o que contava gastar no casino, mas ao ouvi-lo, ontem à tarde, não tenho coragem. Tome lá para os seus Pobres.* — Ou aquela senhora que me segurou, quando eu apressado, saía para falar noutra Missa logo a seguir: — *Padre, já dei tudo quanto tinha comigo, mas não estou satisfeita.* — Pôs a mão ao pescoço e arrancou um cordão de ouro, tecido a amarelo e branco, e um grande medalhão bordado — *tome lá que isto só me embaraça.*

A gente sabe que vai fazer luz nos corações e ajudá-los a converterem-se.

Os Padres que me abrem as portas da Igreja e me dão lugar nos seus púlpitos, também exultam com a minha presença. Alguns até o dinheiro das intenções deixam na saca: — *Isto, hoje, é tudo para os Pobres.*

Os *peditórios* deixam-me saudade, mas não estou em condições físicas de os ir fazer. Ficarão para o ano que vem.

Bem gostava de passar pelas igrejas de Setúbal, ao menos de dois em dois anos. No Verão ou no Inverno, no Advento ou na Quaresma, no tempo Pascal ou no de férias.

Pedir, é uma faceta da vida dos padres da Rua. Somos Mendicantes.

Esmolar, faz-nos bem. Humilha-nos no bom sentido. Torna-nos mais humildes, reduz-nos à condição de pobres e dá-nos o sabor de o sentirmos.

A experiência de bater à porta tanto nos pode proporcionar uma alegria exultante com quem comunga connosco, como pode encher-nos de tristeza por quem nos fecha a porta, negando a autorização, por motivos desrazoados.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

José Reis

PRAIA — O segundo turno regressou no dia 16 de Agosto, à nossa Aldeia, todos bronzeados e renovados, trocando com o terceiro turno, dos médios e dos «Batacinhas». São chefiados pelo Rogério e pelo Chico, juntamente com a Maria Fernanda e Maria José.

Esperamos que descansem muito e se divirtam e cheguem bem moreninhos, como os do turno que os precedeu.

Boas férias, malta!

PISCINA — Estão prestes a terminar as obras na nossa piscina, que este ano fez sentir a sua falta nos fins de tarde dos rapazes. Faltam algumas vedações. Contudo, a malta já mergulhou. Foi na segunda-feira, 15 de Agosto, que fizeram os primeiros saltos para a água.

A piscina é elemento importante da nossa vida, no Verão. Faz parte da educação e crescimento dos rapazes. Aqueles que se portam um bocadinho mal, já sabem — não há piscina...

Agradecemos à empresa *Cinca* a oferta generosa dos azulejos para o revestimento da piscina.

ESCOLA — Os rapazes que se matricularam nas várias escolas do Porto, já sabem que foram aceites. Há, porém, alguns que ainda se não matricularam e outros esperam resposta das suas escolas.

Dos alunos que fizeram exame, há a notícia de que passaram de ano. Um deles irá frequentar o 12.º ano. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Na noite de 10 de Agosto houve um incêndio florestal na serra da Lousã, zona da Senhora da Piedade de Tábuas, à vista da nossa Casa, o que nos entristeceu, até porque aí houve colónias de férias da nossa Casa.

Quanto à nossa actividade agrária, a folhagem de milho cortado, depois de secar num terreno, foi guardada no nosso armazém da palha. Os jardins continuaram a ser arranjados, pois as ervas daninhas crescem muito. Temos comido pêra cozida, da fruta que tem caído no nosso pomar e é separada por cima do galinheiro. No regresso das férias da praia, temos varrido as folhas nos arruamentos da nossa Casa. Os restos estragados de bens alimentares, de um supermercado, servem para o gado.

ARRANJOS — O sistema de controlo da rega dos jardins, por detrás da casa nova e da Escola, tem avariado; tal como o motor da piscina e a caldeira da copa. Estes problemas têm exigido várias reparações. No quarto de banho junto à sala de costura, houve perdas de água para a lavandaria. É uma parte antiga da nossa Casa.

ESCOLA — Segundo informação vinda na Comunicação Social, de 11 de Agosto, a nossa Escola do 1.º Ciclo, aberta à comunidade local há 4 anos, não irá funcionar no ano lectivo 2011/2012. Os nossos Rapazes irão para o Centro Educativo de Miranda do Corvo. Temos muita pena, pois é uma Escola pública que existe desde o início da nossa Casa do Gaiato, há cerca de 70 anos.

FÉRIAS NA PRAIA DE MIRA — Regressaram, a 13 de Agosto, todos os Rapazes que gozaram férias na Praia de Mira, ficando alojados numa casa da nossa Obra. De vez em quando, comemos gelados. Depois do almoço, os pequeninos descansaram. Foi preciso muita atenção com os pequenos, sobretudo nas horas do banho, na praia, da parte dos Professores Paulo e Paula que os acompanharam. Fez-nos bem, pois ficámos melhores para os desafios que aí vêm, conforme se vê nas caras da malta! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

De fora de nós

NESTE Agosto de vai e vem de gente para o litoral português, para deixar as rotinas e afugentar a pressão das crises, parecia que se tinha instalado alguma calma na nossa vetusta Casa, com a garotada a banhos na Praia de Mira.

Eis que se aproximou de nós um homem problemático, pela sua história de vida. Aos saltos na cidade dos doutores, também por erros seus, do Centro de Saúde veio até à nossa emergência... Para além da diabetes, para a qual queria aviar os remédios, eram evidentes perturbações mentais.

Foi um cabo dos trabalhos uma boa parte do dia, em que a

agressividade latente foi superada pelo diálogo, de tal forma que se conseguiu levar à urgência dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Algum tempo depois, a médica de serviço disse-nos: — *Fez bem trazê-lo aqui.* Corremos riscos nessa jornada; contudo, não quisemos passar ao lado...

Durante esse tempo, fomos reflectindo sobre a epidemiologia psiquiátrica, qual ramo menor da Medicina, muito delicado, e que não pode ser mesmo ignorado actualmente. De facto, 450 milhões de pessoas sofrem de doenças mentais e comportamentais, no mundo. Entre estas, a depressão atinge 121 milhões de

BENGUELA

César Daniel («Massauro»)

PADRE QUIM — É mais um filho que nasceu da Obra da Rua, vindo dum pai que é da Obra, de Malanje. Neste momento, encontra-se no meio de nós e vai estar connosco algum tempo. Ele sentiu o chamamento de Deus e de Pai Américo e não lhes resistiu, foi muito forte, conforme confessou na primeira homilia familiar.

Os rapazes gostam dele e é mais um testemunho verdadeiro de quem soube dar valor àquilo que lhe foi dado, ao longo da sua formação. Está connosco para nos ajudar a caminhar. É um irmão mais velho a trabalhar para o bem dos seus irmãos mais novos. Agora, com mais responsabilidade, mas não deixa de ser filho da Obra da Rua e nosso irmão. Só os rapazes sairão a ganhar. Oxalá os mais crescidos o ajudem, para que a nossa vida seja bem aproveitada e criemos paz e harmonia.

ESCOLA — O segundo trimestre está quase no fim. Neste momento, estamos na semana da realização das provas dos professores, antigas provas trimestrais, e aguardaremos assim os resultados finais — onde poderemos ver o que cada rapaz plantou, para podermos fazer, depois, uma avaliação individual, como tem sido normal

em todos os trimestres. Estamos conscientes de que tudo foi feito para que cada um pudesse aproveitar as oportunidades oferecidas.

É verdade que não se tem pedido que todos tirem nota 20, mas, sim, que dentro dos seus limites, consoante as suas capacidades, cada um deve demonstrar as suas qualidades. Para isso, é preciso pôr os talentos a render. A Escola é a base da vida futura. Ninguém pode estudar por ninguém, isso é da responsabilidade de cada um. A Escola é um direito de cada ser humano, mas cada um é responsável por assumir a parte que lhe toca, como: o desempenho, saber aproveitar o tempo, saber colocar as coisas no seu lugar, ter conhecimento básico do que se quer, agora e amanhã. Aos responsáveis ou aos pais, cabe-lhes fazer o acompanhamento, para que cada educando cresça e seja útil à sociedade.

DESPORTO — Entrámos na quarta jornada e o nosso adversário foi o BRA (Base Regional de Abastecimento). É uma equipa com muita boa organização e carrega consigo muitas experiências neste tipo de campeonatos, visto ser uma equipa financiada por pessoas ligadas ao 1.º de Agosto — que é um dos maiores clubes do

nosso País. Mas lá fomos, com alguma timidez, é certo, uma vez que se trata duma equipa muito forte, teoricamente. À entrada para esta jornada, ocupávamos o 7.º lugar e eles o 6.º, ambas as equipas com 6 pontos, sendo a diferença pautada pelo número de golos marcados e sofridos. Na hora da realização do jogo, a rapaziada soube controlar os nervos, desapareceu a timidez e conseguiram impor-se. Sem grandes mudanças na equipa, com o mesmo sistema de sempre (4x4x2), a rapaziada acreditou e conseguiu a segunda vitória consecutiva por (2-1).

Uma primeira parte muito bem disputada entre ambas as equipas. No primeiro tempo, saímos empatados a zero. No segundo tempo, começámos mal porque entrámos tímidos, até sofremos o primeiro golo, aos 10 minutos. A partir deste resultado, a equipa não baixou a moral e lutou até ao fim. Com boa actuação do Bebucho que, apesar de ter um corpo pesado, tem conseguido aguentar-se. É graças a ele que alimentamos o ataque, já que o nosso plantel é muito limitado. Neste jogo, conseguiu fazer o seu primeiro golo no campeonato. Mas, antes, o Geninho tornou-se o marcador da nossa equipa, pois já tinha feito o golo do empate. □



Um grupo dos nossos mais pequeninos, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, na Praia de Mira.

personas, segundo a Organização Mundial de Saúde. Estas doenças atingem, sobremaneira, algumas sociedades, como as ditas desenvolvidas; pois, 10% dos americanos com mais de 6 anos tomam anti-depressivos.

Entre nós, as causas do mal-estar de algumas crianças e adolescentes, que foram acolhidas, podemos encontrá-las nos ambientes afectivos em que sobreviviam. Fala-se muito no défice de atenção e hiperactividade de que padecem muitas crianças. E, até, na indisciplina que afecta as aulas do ensino básico e secundário.

Conseguimos enquadrar, recentemente, na sua família biológica, que interligámos, um jovem

maior desta Comunidade, com formação profissional adquirida e vigilância psiquiátrica. Noutros casos, foi considerado prudente, pelo Psicólogo clínico, voluntário, conduzir dois manos a consultas de Psiquiatria. Um rapazito nosso sofre de epilepsia, que é do domínio da neurologia, aliás bem acompanhado no Pediátrico.

Além dos medicamentos para curar certas patologias mentais, verifica-se que, na terapia ocupacional e no equilíbrio familiar, em contacto com a Criação, estará uma parte da resposta para debelar algumas dessas doenças.

O Hospital Miguel Bombarda fechou. Todavia, esta problemática está cada vez mais na ordem

do dia e em aberto, nomeadamente ao serviço eclesial. S. João de Deus descobriu nos *loucos* a grande loucura do Evangelho. O Pobre de Nazaré também encontrou e curou pessoas pobres da mente e, até, foi tido *fora de si*.

Afinal, quando o nosso cérebro descaí, também nos elevamos à nossa condição de seres dependentes do Criador, espirituais, em preparação para a transfiguração. Quem são afinal os normais, em tempos de tantos desvios? O corpo e a mente, mesmo desfigurados, configuram um ser humano total, único e pessoal. Em condições de debilidade mental, não ficamos fora de nós, mas cada vez mais com o Senhor da vida! □

MALANJE

Padre Rafael

Nada nos separará do Amor

QUANTOS falsos amores se têm desvanecido diante de mim quando chegam as dificuldades, as doenças, a nudez, os sofrimentos, a morte... e quanto tenho de sofrer ao ter de me separar de muitos deles. Quanto tempo terá de passar para perceber que o amor, quando foi dado incondicionalmente, nos faz inseparáveis. Oxalá chegue o dia em que não queiramos possuir o amor, mas ser possuídos por Ele.

Na nossa Aldeia, estamos a preparar o Edital. Nele, cada rapaz será enquadrado nas diferentes tarefas da Casa. Neste segundo semestre, tomámos a decisão de ir assumindo com mais força as áreas produtivas da Casa, como: a máquina de fazer blocos, a serra dos troncos, a carpintaria.

A pouco e pouco, tudo retorna à normalidade. Já passou a festa da Ordenação do Padre Quim; neste momento, está na Casa do Gaiato de Benguela. O nosso Padre Telmo, está em Portugal, onde foi operado recentemente; segundo informações que nos chegaram, tudo correu bem. Agora, estão connosco o tio Fernando, Catete e tio Manuel Barrigas, que nos estão a apoiar nas diferentes áreas da vida da nossa Casa.

Este Domingo celebrámos a Festa dos Catequistas. São 26 as aldeias que acompanhamos, desde a Casa do Gaiato. Em cada uma delas, há um ou dois

catequistas. Como estão repartidas por ambos os lados da estrada, temos dois catequistas a representar cada uma das zonas e, finalmente, o catequista geral e o secretário.

Todos os meses temos uma reunião para partilhar da vida das comunidades e, geralmente, visitamos todas as aldeias, duas vezes por ano.

O catequista geral chama-se João. Todas as manhãs, às 7 horas, reza na capela da sua aldeia com toda a comunidade e, depois, acode ao trabalho.

A capela é de barro e foi construída com a colaboração dos cristãos. Este ano, puseram-lhe um tecto de chapas, graças à contribuição económica das famílias. Como, por estes dias, trouxemos madeira, pediram-nos que lhes fizessemos uma porta e duas janelas. Como negar-lhes quando uns dão tanto e nos pedem tão pouco.

Pelas três da tarde, chegou um carro das Irmãs de Kananbua, um bairro de Malanje. Vinha carregado com dois sacos de mandioca e um de farinha torrada. As Irmãs explicaram-me que a avó do Eliseu anda, há várias semanas, a dizer para trazerem esses sacos, senão os trazia ela à cabeça. Nós tínhamos dito à avó do Eliseu que não era necessário, mas ela pediu-nos que a deixássemos partilhar do pouco que tinha. Quando me disse isto, entendi-a perfeitamente, pois vivemos da Caridade dos Pobres. □

DOCTRINA

Pai Américo

A memória dos justos permanece



TRATA-SE da homenagem póstuma a um sacerdote que vem relatada em *O Comércio do Porto* de Outubro findo. A data é de Fiães da Feira. «Foi uma grande homenagem de gratidão e saudade no cemitério paroquial de Fiães», como vem a dizer na gazeta. «Deixou fama pelo desprendimento dos bens materiais. Depois da sua morte os herdeiros nada tiveram que partir.»

Uma tarde, já sol posto, alguém bate à porta. Ele vai atender. Era um Pobre envergonhado, seu freguês, a pedir pão para os filhos. Imediatamente foi ao armário e deu-lhe tudo quanto ali estava. A sua tia, ao pôr a mesa para a ceia, deu pela falta do pão.

— Que fizeste Manuel? Não temos pão para a ceia.

— Tenha paciência, minha tia. Remediaremos melhor que ele.

Estavam a começar a parca refeição quando sentem bater à porta. Era uma pessoa que nunca ali tinha levado coisa alguma e naquela hora leva num cestinho um bolo quente ao seu abade.

Estou a transcrever. Nada dito é meu. A notícia termina por dizer que hoje arde uma lâmpada de azeite na sua campa e muita gente ali se ajoelha em oração.

A GORA falo eu. Não é por vir no jornal que eu acredito em tudo quanto acima se diz. Não é. Jornais são papéis. Acredito, sim, por ser do Evangelho. Tanto assim é que eu, ao acabar de ler, dobrei *O Comércio do Porto*, fechei os olhos e saboreei por largos minutos. Tão bem faça à alma dos meus leitores, como fez à minha, o conhecimento da notícia.

O sacerdote foi ao armário buscar o pão que ali estava, levado e movido pela necessidade do seu Irmão, que era também seu freguês. A governante aflige-se. Ele não. Afligi-se pelo Irmão que não tinha, sim. Mas por ele, não. Deus vela pelos seus. Aí vem um homem que nunca tinha ido ao presbitério. Que quer ele? Trazia num cestinho um bolo quente. Era o mensageiro celeste que vinha saldar as contas. Talvez não fosse o melhor homem da freguesia. Quem sabe se o pior?! O Bem arrasta o Mal. Os Bons arrastam os Maus. Seja como for, naquela noite, à ceia, houve bolo quente por pão de ontem! São assim as contas que Deus faz.

MAIS. Com a morte deste sacerdote ficou no meio da família a saudade e a paz: «os seus herdeiros não tiveram nada que partir». Oh, riqueza! Oh, verdadeira riqueza sacerdotal! Mais ainda. A memória dos justos permanece. O povo daquela freguesia ajoelha na sepultura do Pobre e a candeia de azeite, acesa, dá testemunho da sua glória. E mais nada.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

Casa DINA – Porto

Tem sido, de há dez anos a esta parte — na rua dos Mártires da Liberdade, n.º 30, na cidade do Porto —, uma presença nossa na Invicta, por amabilidade e grande amizade dos seus proprietários, corroboradas pelos seus colaboradores. Tantos amigos que ao longo do ano por lá passam, para deixar a sua oferta, pôr a assinatura d'O GAIATO em dia, para adquirir algum dos nossos livros ou, ainda, para nos destinar algum outro bem material que neles redunde num consolo espiritual. O mesmo se passa quando se avizinha a Festa dos Gaiatos, no Coliseu do Porto, deslocam-se à Casa DINA muitos amigos, para procurar o seu bilhete de ingresso.

A todos os que na Casa DINA nos fazem presentes, a nossa gratidão e amizade, bem como o reconhecimento agradecido aos nossos Amigos, que através deles nos confiam a sua partilha.

Padre Júlio

SETÚBAL

Padre Acílio

Férias

Continuação da página 1

Os mais novos, cerca de quarenta, passaram o mês de Julho na Arrábida, como já informámos. O mês de Agosto pertence aos mais velhos. Só que alguns não mereceram férias porque, durante o ano, ou não trabalharam ou não estudaram.

A falta de algum ócio por parte deles revoltou-os, e o tempo que os outros passam na praia castigados, pois o trabalho torna-se ainda mais repelente.

Sofremos todos, eles porque têm de trabalhar, nós porque somos

obrigados a vigiá-los e a exigir que as tarefas se cumpram.

Noite

À noite ninguém pode sair de Casa, sem ordem. Dado o ambiente de permissividade de uma grande parte dos pais, para mantermos esta disciplina é necessária alguma rigidez.

Pacote e Júnior saíram, num sábado, para Algeruz voltando cerca de meia noite. Foram notados por um chefe, sem que este os pudesse identificar. Apenas se apercebeu serem da casa 4.

Ora, na casa 4 mora o chefe-maioral que é chamado à pedra. As coisas começaram a complicar-se para os aventureiros.

No Domingo, após o almoço, quis saber quem foram os noctívagos e perguntei no meio da comunidade.

Os rapazes levantaram-se das suas cadeiras, à mesa, e confessaram. Não sei se já tinham sido apertados pelo chefe, o que verificámos foi um alívio, porque desapareceram as suspeitas.

Um mês seguido a lavar a loiça do jantar, com as outras equipas que se revezam semana a semana, foi a sentença. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — Voltando ao nosso dever de agradecer quem nos ajuda, aqui vai notícia de donativos dos nossos leitores dos quais nos chegaram cartas desde Maio até agora. 30 da Lurdes, do Cacém, que não falha com os seus “pósinhos para os mais pequenos”, apesar da “fase muito difícil” que atravessamos. Do assinante 57558 do Porto, a quem retribuimos o “bem-haja” pela sua assiduidade e generosidade, duas vezes 150.

Do Porto, ainda, 50, da assinante 33275, a quem agradecemos os votos de pêsames pelo falecimento do Sr. Padre Carlos, bem como aos demais Leitores que também o fizeram.

De Fiães, chegaram 75 com pedido de anonimato. Do Fundão, com “boa vontade”, vieram 50, da assinante 74938, apesar de doente e a fazer “a química”. Que Deus ajude quem assim dá do que certamente lhe faz falta.

Da assinante 74938, do Souto da Casa, temos um envelope com a anotação de “55” por parte de quem o recebeu nos serviços do nosso Jornal. Da M. F. P., de Paço de Arcos, (vão só as iniciais porque pediu o anonimato) chegaram 15, que não são “miséria” nenhuma quando são dados com o sentimento forte que expressou na carta que os acompanhou. Da assinante 6313, da Régua, vieram 50, com votos que retribuimos de que Deus nos ajude. Do assinante 70662, de Coimbra, chegou uma “pequena ajuda” de 200, para atendermos

“às necessidades dos que verdadeiramente precisam”. Tentaremos fazer o melhor que pudermos para que assim seja.

De M. Luísa Carvalho, temos um envelope no qual os serviços do nosso Jornal escreveram, na capa, 25. Da assinante 5963, de Paço de Arcos, assídua e muito generosa na sua ajuda, uma verba relativamente elevada que os senhores Padres distribuíram entre as Casas de África e a nossa Conferência, tal como era pedido. Do assinante 28607, de Carcavelos, vieram 20. Do assinante 68570, de Condeixa, chegaram 30, apesar “disto estar a ficar cada vez pior para todos”.

Deixaremos para uma próxima crónica o testemunho e a oferta, ambos muito valiosos, que nos chegaram do M. Vitorino, de Guimarães.

Um bem-haja para todos!

O nosso endereço:

Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

PENSAMENTO

Eu acredito no Juízo Final. Se nós fossemos animais de morrer e acabar, seríamos os mais infelizes de todas as criaturas. Porquê? Porque sofremos e sabemos que sofremos as injustiças. Os outros animais, não.

PAI AMÉRICO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

As cartas que o correio me traz, fazem parte do meu impulso.

Leio algumas, duas e três vezes. Também me alimentam, me animam e convencem.

Deus fala-me pelo punho e coração dos que escrevem, partilhando comigo a vivência da sua Fé.

«Privei-me de um jantar de amigos cujo preço, por pessoa, era de cinquenta euros. É essa quantia que lhe envio para secar lágrimas e acudir aflições. Espero em breve, mandar-lhe o fruto de outras renúncias.»

Os escritos são comunhão: lêem-me, meditam, rezam e respondem-me. Tenho mesmo que aceitar serem eles a voz de Deus, sofrida e amarga, aquela que sai desta reduzida fonte, alimentada pelos sofrimento e angústia dos Pobres, onde também se revêem os meus Leitores.

Um antigo gaiato, o qual sempre tem partilhado conosco as suas economias e creio que, muitas vezes, o seu sacrifício, escreve-me escandalizado, por ocasião duma festa com patrono religioso:

«Apesar da crise, nunca vi tantas festas e tanta comedia. Não sei se isto vai dar mau resultado, sobretudo neste tempo em que as agências de cotação financeira começam a cortar os níveis do rating e da dívida. Eu, na minha casa, por exemplo, não gasto em coisas parvas e procuro sempre economizar!»

E tenta não só poupar, mas também repartir. Quase todos os meses as suas cartas de família vêm acompanha-

das de um cheque para a Casa, para o Património ou outros fins bem especificados com a leitura d'O GAIATO.

São exemplos de vida cristã que não se deixa ir na moda do mundo e, pelo contrário, se sentem chamados a responder aos desafios presentes, não com retórica, mas com empenhamento e sacrifício. Ai do mundo, se não forem os cristãos!...

Fui visitar um casal de idosos, mais novos que eu, mas muito mais envelhecidos.

A filha, abandonada pelo marido e com duas meninas, manifesta uma garra feliz para a vida e veio pedir-me ajuda.

Verdadeiramente não sei como é possível gente desta idade e naquelas circunstâncias, viver sem casa-de-banho. Ela, acamada com Alzheimer; ele, com a mesma doença, ainda se levanta.

Lá lhes comprei um termo-acumulador, pois é campo e a água não tem pressão para um esquentador, uma espaçosa base de chuveiro, para serem acompanhados no banho, e também uns sacos de cimento, que a Secil nos havia oferecido.

Se os Baptizados pudessem contemplar estes quadros e os vissem com olhos de ver, não se atreveriam a gastar bens e tempo com superficialidades e seriam muito mais exigentes consigo, como manda o Mestre, procurando a porta estreita, pois eles olham e não vêem, ouvem e não escutam, para não se converterem, como lamentava Jesus!

A mundanidade também entra na igreja de Jesus Cristo, e quantos, a todos os níveis, se deixam embalar por esta necessidade de convívio e homenagem à mesa, gastando sem escrúpulos, escandalizando quem abre os olhos para a realidade dos mais débeis.

Os pobres mantêm-se longe, com técnicos e voluntários usando processos comuns a todos os tempos, agora mais sofisticados, para que não incomodem. Já naquele tempo, o Padre Américo se queixava que os pobres são como os percevejos, ninguém os quer junto a si. Assim não sentem a realidade. A conversão vai-se adiando, a luz não brilha e as trevas adensam-se, no mundo e na Igreja.

Não basta invocar o exemplo dos Santos que, em tempos passados, romperam todas as peias e, como loucos — o Evangelho é sempre loucura — furaram todas as conveniências e, cheios de luz, beijavam as feridas dos enfermos, punham às costas os loucos e ajoelhavam-se, chorando, perante os mal cheirosos!

É preciso que a heroicidade volte à prática e, irradiando luz e santidade, se veja, não só nos conventos e nas igrejas, mas, também, nas ruas!

Que a pobreza concreta, no vestuário, na habitação, na mesa, nos transportes e divertimentos e no convívio com os mais pequeninos volte à prática comum.

Este tempo de crise é uma época propícia!

Dá-me, Senhor, a paixão dos Pobres e fecha os meus olhos a tudo o que é ilusão pagã! □

BENGUELA

Padre Manuel António

A Família é célula mestra da sociedade

QUE havemos de fazer? Dois pequenos, vadios, encontrados na rua, vieram, há dias, para a nossa Casa do Gaiato. Não têm escola e não sabem de ninguém da sua família. A lembrança que os marcou foram os maus tratos que receberam. O medo corria-lhes nas veias como o sangue. A rua tornou-se o meio familiar das suas vidas, de tal modo que fugiram, passado pouco tempo. O mais novo regressou, anda feliz e pacífico. Que bom! O mais velho, já com dez anos, desapareceu e vive misturado com os caixotes do lixo. Que desgraça! O acolhimento com carinho, a escola posta diante dos seus olhos, não o seguraram.

O tema das crianças da rua é muito vivo, muito actual. O remédio está na família, em primeiro lugar. Família unida e com estabilidade não gera vítimas inocentes. A sociedade será o que for a família. Não é uma afirmação ilusória. O corpo humano será tanto mais saudável, na medida da saúde das suas células. A família é a célula mestra da sociedade, em qualquer parte do mundo. Estas crianças da rua são vítimas inocentes. Quem dera as forças vivas da sociedade, a começar pela Igreja e todas as organizações sociais, tivessem um papel mais responsável na formação e prevenção destes males tão grandes! A multidão de filhos abandonados pelos pais! A mãe, de coração mais terno e sensível, vai aconchegando o seu filho pequenino. Mas a criança tem direito a crescer debaixo do olhar do pai e da mãe. Quando chegam os problemas próprios da idade, vem o abandono, muitas vezes. Busca-se o internamento como remédio. Quem dera não fosse preciso porque é, na verdade, um mal necessário, infelizmente. A



família solidamente constituída é o remédio ideal.

Há dias, foi-nos apresentado um garoto com cerca de 8 anos. Veio de Luanda. O pai desapareceu da família. A mãe, preocupada com os seus afazeres, não acompanhava o filho. A pouco e pouco, a rua ocupou o lugar da escola. A mãe entregou o filho à tia que, por sua vez, procurou uma solução na via oficial. Esta criança chegou à nossa Casa. As suas lágrimas, porém, falavam mais alto da casa da família donde tinha vindo. Solução? Regresso ao ponto de partida. É ali que deve encontrar-se a verdadeira e mais humana solução, com todo o carinho e paciência.

Os adultos, como é natural, querem resolver, muitas vezes, à sua maneira, o problema das crianças. É o caminho mais fácil e mais cómodo. Porém, pode não ser o mais adequado. Não podemos esquecer-nos de entrar no coração das crianças. Só é possível fazendo-nos crianças. Deste modo, encontraremos a resposta e a solução mais conveniente para fazer

uma criança feliz. Esta é a grande meta de toda a educação: fazer da criança feliz o homem ou a mulher do futuro. Estou a ver aqueles dois filhos a viver em casa da avó. A tia, pessoa adulta e bem formada, queria interná-los na Casa do Gaiato. Fui ver o ambiente. A avó estava feliz com os dois netos que, por sua vez, não queriam deixar a casa onde estavam muito contentes e acompanhados. Entrei no coração daqueles filhos e descobri o caminho certo: continuar felizes onde viviam contentes. Este é o significado da expressão: Fazer-nos crianças para saber o que mais lhes convém. De contrário, abrir-se-á uma fonte de lágrimas e não uma fonte de alegria.

Continuamos à espera das ajudas tão necessárias para a solução dalguns problemas muito aflitivos. Os amigos da nossa Casa do Gaiato de Benguela estão atentos, com certeza. O sr. Fernando, da firma Oliveira & Ligeiro, estendeu as suas mãos com dez mil dólares e prometeu repetir. É um verdadeiro membro desta família. A nossa gratidão! □

PEDITÓRIOS

Padre João

COMO é de tradição, nesta altura do ano, vamos por aí fora por eles. É um dizer que estamos vivos e «necessitados». Mas sentimos, também, que há muita gente a sentir a nossa falta... Querem saber como vai a Obra da Rua e perguntam pelos nossos Padres, por «este» e por aquele outro e, obviamente, a atenção vai para a «partida» do nosso Padre Carlos — foi uma grande perda para toda a Obra da Rua — comentam. Mas logo, de imediato se voltam para o novo Padre Quim, de Malanje, como uma resposta de Deus à falta daquele que partiu para a Eternidade. Uma interpretação na linha da fé: «Deus não esquece o Seu Povo...».

Simpático e muito fraterno o acolhimento do Padre Marcelo, logo no primeiro Domingo de Agosto, na Praia de Mira... A tradição a cumprir-se. E que bela tradição herdada do saudoso companheiro Padre Horácio! As boas tradições são de manter e esta é uma — honrosa. Ali toda a gente o recorda, com saudade, e evoca a sua simplicidade e espírito de pobreza, herdada do seu mestre, o Padre Américo.

Padre Marcelo, de nacionalidade polaca e da Congregação dos Padres Palotinos, pároco da Praia de Mira, fez-nos lembrar o saudoso Beato João Paulo II e a conversa, antes da Missa, andou à volta deste Servo de Deus, que encheu o mundo da simpatia de Deus, tal como o Padre Américo, que aguarda um sinal do Céu e o assentimento da Igreja para ser beatificado...

Sentimos que as pessoas tinham saudade de se encontrar conosco e de nos ver por ali... Bem diz o povo: «Quem não aparece esquece...». Quanto a nós, ficámos felizes por este reencontro familiar de tão grata memória. Os nossos peditórios não são avaliados só pelos euros... representam bem mais que o «vil metal», são um reencontro anual da Família grande, que é a Obra da Rua — um bom motivo de persistência!

O mote essencial é, sempre, a Palavra de Deus proposta para aquele Domingo em que nos encontramos com aquela comunidade de fé e partilha concreta. Nem de outro modo poderia ser... no meio das tempestades e de todas as crises, o Senhor vai na «Barca» exorcizando, com grande poder e majestade, todos os ventos contrários... A fé n'Ele é a palavra de ordem! Já contámos o produto material: cerca de quinhentos euros... enfim, importa a sementeira não a colheita! Isso é da conta de Deus.

Já fomos também ao Luso, aí, a mesma saudade e acolhimento. Aqui, a manifestação alegre do Padre Carlos Godinho, pároco do Luso, por nos reencontrarmos. Tinha-nos dito da pouca afluência, este ano... Nós ficámos contentes por revermos caras conhecidas e sentirmos o pulsar renovado da presença da Obra em terras tão queridas do Pai Américo... Na Eucaristia, recordámos o já distante Monsenhor Raúl Mira, que foi condiscípulo de Pai Américo no Seminário. Ainda vivo, e que seja por muitos anos, Padre José Moço, que foi condiscípulo de Padre Horácio, de quem nós guardamos também muita saudade. Era ali, nesta ocasião, que se «desfazia» da dívida para com O GAIATO... Maria do Céu Jeitoeira e seu marido Humberto, também foram recordados no Altar do Senhor, no dia da Assunção de Sua Gloriosa Mãe ao Céu. Uma antiga família do Luso ofereceu-nos um delicado almoço e a companhia dos seus familiares. Companheiros destas duas jornadas, o Manuel António, antigo gaiato que nos conduziu, e o Leandro, o André e o João Pelengana, os quais, em momento próprio, se apresentaram diante da Assembleia, para que os conhecesse e por eles rezasse à Mãe do Céu. □